



ENERGIA E ALIMENTOS

XVI Seminário de Iniciação Científica
XIII Jornada de Pesquisa
IX Jornada de Extensão

UNIJUI . 23 a 26 de setembro de 2008



AQUISIÇÃO DO CONCEITO DE CAUSA NA INFÂNCIA – A FASE DOS “POR QUÊS”¹

Rubia Aparecida Tessaro Santos²

Na literatura da Lingüística pouco ou nada se encontra sobre essa fase, ela não parece ter tanto valor dentro das teorias de aquisição da linguagem, inclusive fazem uma abordagem partindo das aquisições fonológicas, morfossintáticas e semântico-pragmáticas, nessa ordem precisamente. Mas dentro da Filosofia a fase dos “por quês” ganha certa importância por apresentar-se como uma etapa de aquisição de conceitos, principalmente, por facilitar a compreensão e o uso do conceito de causa. Strawson faz uma série de considerações sobre a importância da observação para a aprendizagem, para a formação de conceitos e domínio de certas noções, afirma que não é exagero enfatizar a importância que a observação adquire na nossa vivência humana, pois aprendemos, primeiramente, tendo a experiência das propensões que manifestam coisas de diferentes tipos e que apresentam espécimes individuais desses tipos que vão nos familiarizando com o mundo, formando nossa bagagem conceitual, Strawson acentua que “a aprendizagem tem lugar em um marco de expectativas condicionais, um marco pré-existente e já preparado”, o que significa que aprender é um condicional da existência e sobrevivência humana. Strawson ressalta que “em nossa existência auto-consciente, como seres familiarizados com o mundo de objetos e eventos, não há momento algum em que estejamos preparados e desprevenidos simultaneamente diante do fato de que algo resulte de algo”, isso por que a partir das informações adicionadas, apreendidas através das observações e das generalizações que fazemos a partir das regularidades, já nos é possível fazer previsões e, portanto, esperar por determinadas situações. A criança, como parte desse mundo, adquire condições, inclusive argumentativas, de participar e interferir através da linguagem no meio em que está inserida, ela aprende a argumentar, a dar razões, a justificar suas escolhas, vontades, pedidos, travessuras, ainda que esteja apropriando-se de informações para formar seu “sortido básico, pré-teórico” de concepções, conforme Strawson faz referência e ainda complementa dizendo que é parte desse “sortido” partir da observação de regularidades e dizer que as coisas que portam tais e tais qualidades tendem a agir e reagir de tal e tal forma regularmente, pois temos uma pré-disposição a generalizar, coisa que a criança percebe e faz com competência, montando modelos de explicação, de ação e reação, sabemos com antecedência o que queremos ou podemos realizar com determinadas ações ou omissões, falas, questões. A causa é uma das noções de que já dispomos em nosso conceitual primitivo, pois nos é possível compreender um fato acontecido a partir de uma analogia, de uma aproximação com um caso, o próprio fato do uso intencional do choro do bebê para chamar a atenção da mãe é uma aquisição tão básica que permite a criança estabelecer um primeiro contato com significado: chorar traz a mãe – causa e efeito – a primeira demonstração da compreensão e uso do conceito de causalidade intencional nas primeiras semanas de vida. Strawson atenta para o fato de que conhecendo certos agentes podemos influir, evitar ou produzir os efeitos se estimularmos os agentes adequadamente. A criança aprende e usa o conceito de causa através do questionamento insistente na conhecida “fase dos por quês” entre os 3 a 5 anos de idade. Pode-se compreender essa fase por um viés diferente, ao observar a maneira como os adultos



ENERGIA E ALIMENTOS

XVI Seminário de Iniciação Científica
XIII Jornada de Pesquisa
IX Jornada de Extensão

UNIJUI . 23 a 26 de setembro de 2008



utilizam o “por quê” em suas falas, a criança também, se sentindo em condições de igualdade lingüística, consegue chamar para si a autoridade da pergunta, do querer saber, do cobrar respostas, por isso ela faz uma espécie de “treinamento”, para descobrir: o que significa perguntar? Quais as perguntas que podem ser feitas e quantas vezes é possível e tolerável repeti-las? Usar o “por quê” permite conseguir que tipo de resposta? Em que circunstâncias o adulto usa “por que sim” e “por que não”? E que informações estão implícitas nesse tipo de resposta? Para compreender e apropriar-se dos conceitos e da própria linguagem é que a criança insiste nas perguntas e, aos poucos, vai diminuindo a frequência das questões e a insistência, simplesmente por que já obtém as informações de que necessita.

¹ Parte do Projeto de Pesquisa da Dissertação "Aspectos da Linguagem causal" - Mestrado Interinstitucional Unijui/UFSM - Minter

² Mestranda do MINTER - Mestrado Interinstitucional em Filosofia UNIJUI/UFSM